

O JOVEM UNIVERSITÁRIO E O MUNDO ATUAL: UMA BREVE REFLEXÃO

Maria Helena Duarte de Oliveira, Pedagoga e Psicóloga

Resumo

O objetivo deste artigo é pontuar algumas facetas da identidade dos jovens que hoje estão nas salas de aula do ensino superior. Para isso, tornam-se necessárias algumas reflexões acerca do mundo atual, suas repercussões na construção da identidade dos jovens e o papel da universidade neste processo enquanto instituição educacional. Não há a pretensão de se dar respostas, mas de suscitar questões que partem do pressuposto de que a modernidade imprime uma nova prática socializadora distinta das demais verificadas historicamente e que são percebidas no universo acadêmico.

Palavras-chave: *identidade, mundo atual, jovem universitário, universidade.*

I- Introdução

Toda prática humana traduz, de alguma forma, uma posição filosófica e revela os valores e as atitudes interiores que a motivaram, e que segundo Gomes (1999), trata-se de “atitudes e valores absorvidos desde a infância, nos processos de socialização primária (na família) ou secundária (em grupos maiores, na escola, na igreja)”. No entanto, as rápidas transformações nos últimos anos que abateram sobre a sociedade, desagregaram os núcleos de formação da personalidade da criança, sobretudo a família e a escola, que foram substituídos pela impessoalidade da mídia, da tecnologia.

Neste contexto, novos modelos de convívio familiar foram estabelecidos, ou seja, houve uma reorganização dos papéis, uma redefinição das posições de autoridade. Setton (2002) coloca que a alteração no modelo familiar

“vive transformações graduais mas extremamente profundas, dado que a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento dos níveis de

separação de casais contribuem para a emergência de um novo padrão de convivência e referências identitárias”.

Há, portanto, nas novas gerações um déficit de socialização, pois tudo foi revirado e não se sabe mais ao certo as regras do jogo, os valores de que se devem revestir as ações.

Sobrinho (2000) observa que antes um indivíduo se reconhecia num grupo ou sociedade que não se alterava radicalmente ao longo de sua vida, pois as mudanças embora contínuas, eram muito lentas e com “muito menos elementos de complexidade e abrangência” do que nos tempos atuais. Hoje os impactos são simultâneos e globais e “estamos todos condenados às mudanças, ao imprevisível e inesperado”, Sobrinho (2000). Segundo este autor, falar da educação na perspectiva do futuro é, pois, tarefa cheia de riscos, mas importante, lembrando ainda que estamos educando as novas gerações para um mundo que muito brevemente será outro.

II- Algumas considerações sobre os jovens e o mundo atual

Hoje convive-se e aprende-se mais com um contato indireto (estabelecido pela eletrônica e não face a face) que com as pessoas da mesma ou de outras faixas etárias. O adolescente e o jovem que nos chegam às salas de aula já são outros, segundo Gomes (1999), e torna-se imprescindível aprender a trabalhar com eles e, portanto, conhecer sua identidade. Em uma pesquisa realizada com adolescentes do ensino médio, Cuéllar (1997), concluiu que somente 10% deles achavam que deveriam respeitar os seus pais, ao passo que 43% acreditavam que ninguém merecia o seu respeito e consideração.

Na crise contemporânea de autoridade, onde particularmente nas famílias, é grande a incerteza dos pais quanto ao certo e errado, liberdade e repressão, conclui Gomes (1999) que “Recai-se, então, no vazio da incerteza e na escuridão da falta de limites, em que a suposta liberdade se torna licença”. Para este autor, parte dos jovens que ingressam na universidade vão no duro curso do

amadurecimento perceber que democracia não é ausência de normas, mas acatamento de normas consensuadas.

Imbernón (2000) pontua a necessidade de um projeto humanista para a sociedade, pois as desigualdades resultantes da competitividade e do economicismo, “constituem uma ameaça... menos visível, mas já bem detectável, para a natureza interior”. Ele considera que é no sistema educativo o lugar em que se manifesta de modo mais direto a crise do modelo dessa natureza interior, do sistema de valores e crenças que sustentam as pessoas em sua vida social e pessoal.

Hoje não são raras as queixas de educadores que se deparam com questões que perpassam por dificuldades de “lidar” com o jovem ingresso no ensino superior. São jovens, que de um modo geral, demonstram certa imaturidade, individualistas, e muitas vezes, não respeitam a autoridade instituída.

Mas isto a que assistimos, o que é exteriorizado por estes jovens, acredito ser a ponta de um iceberg, pois os comportamentos refletem atitudes e essas, por sua vez, valores. Vários projetos são discutidos e alguns implementados para despertar nos acadêmicos ingressos o que chamamos de “consciência universitária”, mas pouco se consegue. Mas do que adianta tentar impregná-los de novos valores, mostrar a eles o que seria o ideal, pelo menos em termos de comportamento, para um melhor aproveitamento de sua trajetória universitária, se não permitimos a estes jovens que se deixem ser conhecidos, que se mostrem a nós.

III- A identidade do Jovem universitário

Há uma história de vida por detrás de cada jovem e torna-se imprescindível saber de que lugar ele fala, qual é a sua identidade. Entenda-se aqui o termo identidade como um termo essencialmente moderno, e que de acordo com Giddens (1997) se refere a articulação que o sujeito faz de diversas forças presentes na sociedade atual, sociedade esta caracterizada pela pluralidade de escolha e pelo individualismo exacerbado. Pode-se então dizer que, a identidade surge da negociação com o contexto, sendo necessário o entendimento da lógica deste

contexto, ou seja, a compreensão da concepção de mundo atual no qual estamos inseridos.

Assim a compreensão acerca do “mundo” do jovem universitário é essencial para que a sua formação acadêmica não seja desengajada do meio social e para que os aspectos da técnica-ética-cidadania caminhem juntas no processo formativo, coloca Wachowicz (1998).

Vários autores apontam para o caráter da mudança no mundo atual, ou seja, pós-moderno, atribuindo tal fato a globalização, que possibilitou um contato entre as mais diferentes culturas do globo e a transformação social. Os jovens que hoje ingressam na universidade cresceram vivenciando estas mudanças. Azevedo (1993) reforça a idéia da existência neste mundo pós-moderno de uma multiplicidade de sentidos, desencadeada pela tecnologia, pela mídia e que fragmenta a realidade. Imbernón (2000), fala que diante de toda essa diversidade, “não faltam respostas, falta a certeza, a legitimidade de um fundamento em que acreditar; e, no excesso de informações contrapostas, é criada a angústia...”. Destituídos os valores tradicionais, nos deparamos, segundo Imbernón, com a falta de socialização normativa, a falta de motivação e a falta de projeto pessoal por parte das gerações mais jovens. Giddens (1997) aponta também para o papel da mídia aproximando e influenciando “acontecimentos distantes sobre os eventos próximos, e sobre as intimidades do self”. Para ele, vivemos um momento em que há ausência de sentido pessoal, estando presente o narcisismo, o isolamento da experiência, sendo “raros e transitórios os contactos directos com acontecimentos e situações que ligam o tempo de vida individual aos problemas gerais da moralidade e finitude”.

Martins (1998) pontua que hoje “deparamos com jovens que freqüentam escolas e não sabem exercer a solidariedade, a justiça e a cidadania”. Para ele, trata-se de uma geração que recusa à convivência com o diferente, com dificuldades em conviver no coletivo, demonstrando uma intolerância generalizada com tudo que é da ordem da diferença.

Estamos, portanto, diante de uma sociedade pluralista que possibilita estilos de vida e não padrão de vida. Falta respaldo nas tradições, não há elementos

simbólicos, mas elementos reais. Renaut (1998) ao abordar o desmoronamento dos valores, aponta para adoção do “indivíduo como valor supremo do mundo moderno” no mundo atual, designando este indivíduo como “independente, autônomo e, por consequência, essencialmente não-social”.

IV- A Universidade no contexto atual

Retomando as considerações feitas por Giddens (1997), diria que na pós-modernidade, na qual estamos inseridos, não há verdades absolutas, as relações são efêmeras e têm um sentido de utilidade, faltando elementos de reciprocidade. Nesta sociedade caracterizada anteriormente, está inserida a instituição universitária e que para Sobrinho (2000) deve ter a visão de que “mais do que nunca a sociedade humana requer pessoas com mentes abertas e rigorosamente críticas, com... a compreensão dos movimentos de transformação nos níveis mundiais e interculturais”.

Soares (1990) define a universidade como sendo “... talvez a única instituição da sociedade capitalista cuja função e fim é a crítica social aliada à ação social, a única instituição em que é possível viver plenamente a contradição entre crítica e ação, contradição que é o verdadeiro motor do progresso social”. Ressalto, entretanto, a abordagem de Wachowicz (1998) definindo a universidade como uma instituição que “...visa formar a pessoa humana a partir de uma educação geral, em que o saber deve ser um meio de elevar a pessoa a ter relações sociais sadias e maduras...”.

Assim a universidade não só é o espaço para a formação profissional no âmbito do conhecimento tecnológico, da pesquisa, como no âmbito da formação da competência política, social, ética e humanista. Wachowicz (1998) complementa esta idéia quando coloca que é “fundamental que a universidade, conhecendo bem a sociedade na qual está inserida, trabalhe suas diversas dimensões e dê contorno a uma práxis humanizadora”.

Sobrinho (2000) deixa claro que falar do futuro da educação é falar do futuro da sociedade, pois ele atribui à educação a função de se trabalhar determinados

valores como da cooperação, solidariedade, compreensão da diversidade, das diferenças e do respeito ao outro. Ele aponta par a necessidade da priorização, pelo menos nos tempos atuais, das áreas de ciências sociais, artes e humanidades objetivando que estas “voltem a ser socialmente reconhecidas como produções humanas de indiscutível valor na construção da história” (Sobrinho, 2000).

Considerações finais

A proposta de compreensão do jovem a partir do entendimento da dinâmica das mudanças no mundo atual, leva-nos a enfatizar que a construção de sua identidade é uma construção social, marcada por muitas significações que devem ser entendidas dentro do contexto que lhe confere sentido. Sendo uma construção social, as diversas instâncias que compõem o universo social participam deste processo. A universidade como sendo uma destas instâncias não pode se furtar ao seu papel enquanto formadora e deve estar atenta a questão de que ela é um “espaço” adequado para a reflexão e o início de mudança na vida dos jovens que dela fazem parte.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Marcello de C. **Não Moderno, Moderno e Pós-Moderno**. Revista de Educação AEC. Ano.22 n.89. out./nov. 1993. P. 19-35.

CUÉLLAR, Javier Pérez (org.). **Nossa Diversidade criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. Campinas: Papyrus, Brasília: Unesco, 1997.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Tradução: Miguel Vale de Almeida. 2.ed. Celta Editora, 1997.

GOMES, Cândido Alberto. **Afinal, Filosofia para quê?**. Revista Acadêmica. Jul/dez. 1999.

IMBERNÓN, Francisco. **A educação no século XXI: Os desafios do futuro imediato**. Tradução: Ernani Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MARTINS, Geraldo Majela. **Transmissão e/ensino pela via da transferência**. In: Revista de Educação. Salvador: Ano 6. Setembro. 1998. n.22.

RENAUT, Alain. **O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito**. Tradução: Elena Gaidano. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

SETTON, M.G.J. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações**. Revista Educação e pesquisa, v.28, nº1, São Paulo, Jan/Jun 2002.

SOARES, Magda. **Metamemória- memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo, 1990.

SOBRINHO, José Dias. **Avaliação da Educação Superior**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WACHOWICZ, Lillian Anna. **A interdisciplinaridade na Universidade**. Curitiba: Champagnat, 1998.